



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
CURSO DE LETRAS**

RAYANA LIMA RODRIGUES

A VISÃO DE POESIA DE FLORBELA ESPANCA

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

RAYANA LIMA RODRIGUES

A VISÃO DE POESIA DE FLORBELA ESPANCA

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado ao Programa de Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras – língua portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra.

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696v Rodrigues, Rayana Lima.
A visão de poesia de Florbela Espanca [manuscrito] /
Rayana Lima Rodrigues. - 2019.
31 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa
Agra, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Florbela Espanca. 2. Metapoesia. 3. Sonetos. I. Título
21. ed. CDD B869

RAYANA LIMA RODRIGUES

A VISÃO DE POESIA DE FLORBELA ESPANCA

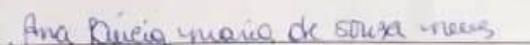
Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)
apresentado ao Programa de Graduação da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de graduado em Letras
– língua portuguesa.
Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 19/08/2019.

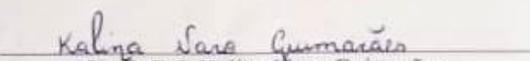
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Kalina Sano Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos supusemos.
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.”
Álvaro de Campos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METAPOESIA	8
3 A POESIA DE FLORBELA ESPANCA.....	10
4 A METAPOESIA SONETISTA DE FLORBELA ESPANCA.....	12
5 INTERPRETAÇÃO DO CORPUS SELECIONADO.....	13
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20
ANEXOS.....	22

A VISÃO DE POESIA DE FLORBELA ESPANCA

Rayana Lima Rodrigues¹

RESUMO

O presente trabalho desenvolve uma pesquisa sobre a *visão de poesia de Florbela Espanca*, com o intuito de compreender a trajetória literária metapoética sonetista, da autora. Para isso, sustenta como objetivo selecionar seus poemas que mais ilustram o critério metapoesia; analisar os traços e como se constroem os poemas selecionados, fazendo uso do recurso metapoético, assim como entender o que é metapoesia. Portanto, é realizado estudo de cunho bibliográfico e natureza qualitativa. Para cumprir com os objetivos propostos, a trajetória de estudo abordada no presente trabalho considera vida e obra de Florbela Espanca, e evidencia os aspectos sentimentais expressos na poética sonetista da autora. Dentre os autores selecionados para fundamentar o estudo sobre metapoesia, se destacam BOCHICHIO (2012), CAMPOS (1976), IGNEZ e CARDOSO (2012 ;2015), LIMA (1982), MOTTA (1976), e MÜLLER (1996). Diante disso, verifica-se que a visão de poesia de Florbela, analisada por meio de seus sonetos, pode ser ampliada para a perspectiva de poesia como lugar de escape, de encontramento. O percurso traçado pelas composições de Florbela Espanca revela um estilo literário próprio no modo de dizer e refletir sobre seu mundo pessoal e olhar sobre a vida.

Palavras-Chave: Florbela Espanca. Metapoesia. Sonetos.

ABSTRACT

The present work develops a research on poetry vision of Florbela Espanca, in order to understand the author's sonetist metapoetic literary trajectory. To this end, it maintains the objective of selecting its poems that most illustrate the criterion metapoetry; analyze the traits and how the selected poems are constructed, making use of the metapoetic resource, as well as understand what metapoetry is. Therefore, a study of bibliographic nature and qualitative nature is carried out. To fulfill the proposed objectives, the study trajectory approached in the present work considers Florbela Espanca's life and work, and highlights the sentimental aspects expressed in the author's sonetist poetics. Among the authors selected to support the study on metapoetry, we highlight BOCHICHIO (2012), CAMPOS (1976), IGNEZ and CARDOSO (2012; 2015), LIMA (1982), MOTTA (1976), and MÜLLER (1996). Given this, it appears that Florbela's vision of poetry, analyzed through her sonnets, can be expanded to the perspective of poetry as a place of escape, of encounter. The course traced by Florbela Espanca's compositions reveals her own literary style in the way of saying and reflecting on her personal world and looking at life.

Keywords: Florbela Espanca. Metapoetry. Sonnets.

¹ Aluna de Graduação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. e-mail: rayana_lattes@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo é de cunho bibliográfico e natureza qualitativa, possui por objetivo identificar a ideia de poesia, segundo a poética sonetista, de Florbela Espanca, considerando seus sonetos publicados em vida e póstumos. Para isso, objetiva-se ainda, selecionar seus poemas que mais ilustram o critério metapoesia; analisar os traços e como se constroem os poemas selecionados, fazendo uso do recurso metapoético, assim como entender o que é metapoesia.

Reconhecida como uma das maiores poetisas de Portugal, Flor Bela D'Alma Conceição Espanca² nasceu em Vila Viçosa, no distrito de Évora. Seu nascimento é datado de 8 de dezembro de 1894. Faleceu em 8 de dezembro de 1930, no dia de seu aniversário, aos 36 anos de idade. Florbela tirou a própria vida, apesar de ter sido apresentado um edema pulmonar como causa da morte.

Seu pai, João Maria Espanca, era casado com Mariana do Carmo Inglesa Toscano, mulher estéril, que o autoriza a se relacionar com Antónia da Conceição Lobo. Concebem Florbela e, três anos depois, Apeles, sendo ambos registados como filhos de Antónia, sem pai. João Maria Espanca cria os dois na sua casa, tendo ambos Mariana do Carmo como madrinha. O pai de Florbela, no entanto, só a registra em cartório como a sua filha 18 anos após a morte desta.

A vida marcada pelas adversidades evidencia um mal relacionamento com o pai. A morte prematura da mãe aos 29 anos, bem como a do irmão, soma-se a abortos sofridos em 1919 e 1923 e divórcios, que contribuem com seu sofrimento. Florbela foi casada três vezes. Em 1913, casou-se com Alberto Moutinho. Logo depois, casou-se com o oficial de artilharia António Guimarães. Por fim, em 1925, casa com o médico Mário Laje.

Apesar dos contratemplos, Florbela é reconhecida por ultrapassar muitas das barreiras preestabelecidas pelo patriarcalismo que imperava na época. Terminou o 11º ano do Curso Complementar de Letras, em 1917; e no mesmo ano ingressou no curso de Direito, na Universidade de Lisboa.

Além de ter ganho grande reconhecimento pelos sonetos, Florbela também escreveu poemas em outras estruturas, além de contos, diário e epístolas. O primeiro poema, *A vida e a morte*, foi escrito em 11 de novembro de 1903, aos 8 anos de idade. A maior parte de suas obras publicadas são póstumas. Em vida, publicou *Livro de Mágoas* (1919), e em 1923, *Livro de Sóror saudade*, com a ajuda de seu pai. A primeira obra póstuma foi publicada em 1931, com o título de *Charneca em flor. Reliquiae* foi publicada em 1931. Existe ainda um conjunto de obras póstumas que têm como base o projeto “Trocando olhares”, estudo dirigido por Maria Lúcia Dal Farra, que reúne textos de 1915 a 1917, e auxilia no processo de constituição de outras obras, como *O livro d’dele*, *Alma de Portugal* e *Primeiros passos*.

Os principais sentimentos expressos na obra de Florbela têm relação com sua vida particular, são eles: profunda tristeza, angústia, solidão, desejo de ser percebida, de ser feliz. Pode-se dizer que há muito de Florbela em sua poesia. Segundo Enoque Balbino Lima (1982) “[...] o poema está potencialmente no poeta, mesmo antes de construí-lo, pois em ato ele só passará a existir na página escrita. [...] mesmo depois de realizado, corporificado em verso, transfigurado, diluído no poema [...]” (p.100). O mesmo autor aborda a questão da poesia atrelada às experiências do indivíduo de forma curiosa, ele alega que “[...] o poema é construído com o que o poeta tira do mundo e de si mesmo. E o poema contém mais daquilo que o poeta tira de si mesmo do que daquilo que ele tira do mundo [...]” (p. 101) e é assim que, aqui, tomamos a poética de Florbela Espanca: “o poeta no poema”.

² Extraído de “Lirismo verbal e virtual: travessia de sentidos”.

2 METAPOESIA

Por ser intuito desse trabalho analisar a visão de poesia em Florbela Espanca, por meio de um corpus específico, baseado em sua poética, a abordagem do que entende-se por metapoesia faz-se necessária. A princípio, esclarecer o que entendemos por metapoesia tem caráter fundamental, pois seu conceito está atrelado à percepção de construção da obra. Esse processo retoma um termo anterior a este, metalinguagem.

Um dos primeiros estudos sobre o assunto é feito por Jakobson (2003) em seu famoso texto sobre as funções da linguagem. Como não é intuito deste trabalho se aprofundar na questão, destaca-se a função metalinguística, ou seja, aquela em que é ressaltado o código, dentre os outros elementos da comunicação (receptor, emissor, canal, mensagem e referente). Uma função não exclui as outras, obviamente, de modo que uma mensagem que se volta para o código tem a função metalinguística apenas como a predominante. Assim, todo texto que enfatiza seu próprio código ou o código de outros textos possui viés metalinguístico.

Alberto Müller Jr. define metalinguagem como uma linguagem que fala da própria linguagem. A partir dessa concepção, o autor destaca que a “arte metalinguística é marcada pelo signo da modernidade. Ela revela a perda da aura, dessacraliza o mito da criação e mostra abertamente o processo de produção da obra” (1996, p.13). No caso da literatura, contribui para a desmistificação do fazer literário, por meio do estudo crítico deste fazer. Portanto, a “metalinguagem aparece, assim, como um elemento que visa a descortinar ao leitor a arquitetura da obra” (IGNEZ; CARDOSO, 2015, p. 12).

A partir da compreensão de metalinguagem, Müller afirma que “podemos definir um metapoema como um poema que focaliza o próprio código poético”, assim como a metalinguagem focaliza a própria linguagem, “pressupondo-se de antemão a existência de tal código [poético], distinto do código da língua, sobre o qual se apoia.” (1996, p. 14). Dessa forma, o código poético se apoia sobre o código da língua para constituir o poema.

Sobre esse processo de construção do texto metapoético, Maria Bochicchio defende que

[...] é a própria poesia que é posta em questão: suas matrizes culturais e referenciais, os seus objectivos directos ou indirectos, os seus potenciais de ser interpretada ou se manter enigmática, aqueles ou aquilo que interpela, aqueles ou aquilo que rejeita, o que vai buscar e o que omite [...] (2012, p.158).

A autora afirma que essas e outras questões podem ser consideradas como parte do metapoema pois, de acordo com o desenvolvimento do texto, são incorporadas à produção. A partir desse pressuposto,

[...] a metapoesia revela como processo de conhecimento estético, por via de uma multipolarização de tensões que a convertem em projeto cognoscitivo e um resultado semanticamente complexo, reformulando os hábitos de leitura, uma vez que exige a cumplicidade do leitor. (BOCHICCHIO, 2012, p.165).

É também eleitora de sentidos e daquilo que convém, destacando o que menos interessa, e “ao fazê-lo, o metapoema proporciona um mais fecundo conhecimento da poesia e, por extensão, do mundo.” (2012, p. 165); assim, a metapoesia não se constitui por si só, demanda aspectos que regem o meio em que se insere.

Maria Bochicchio destaca duas formas de conceber a linguagem literária, uma delas seria “como o conjunto daqueles textos nos quais se comentam, analisam, caracterizam ou de qualquer modo discutem as convenções, as regras, os mecanismos semióticos que subjazem aos processos de produção, estruturação e recepção dos textos literários.” (2012, p.165). A outra forma define-se por “designar como metaliterário ou metapoético o poema que promove a sua auto-referencialidade, uma reflexão sobre si mesmo ou uma incursão afim, sobre a poética ou o

poeta.” (p. 165-166). Com isso, destaca duas distinções para o texto metapoético: “o poema estrutural ou centralmente metapoético, ou só pontual ou acidentalmente metapoético”, ou seja, uma “metapoesia consciente, elaborada, voluntária – não só explícita –, em contraste com outra, de aparência espontânea, involuntária, aleatória.” (2012, p. 166). Dilman Augusto Motta, em *A metalinguagem na poesia de Carlos Drummond de Andrade*, classifica a metalinguagem segundo sua natureza e segundo o código. Segundo a natureza, divide em intencional, ocasional ou emotiva e crítica (ontológica – semântica). E, segundo o código divide em intralingual, interlingual e intersemiótica (1976, p. 25)³.

Para compreender de forma sucinta a noção de metapoesia, Maria Bochicchio descreve com clareza:

Quando a poesia é matéria da própria criação poética, é exatamente isso que se verifica [a atividade consciente de produção literária]. Se o poeta escreve sobre a poesia, ou sobre o poema, ou sobre si mesmo enquanto poeta, nada do que se faça é exterior à poesia ou está para além dela. (2012, p.166).

Portanto, a metapoesia traduz uma possibilidade de se conhecer o próprio poeta, sua forma de escrever poesia e sobre poesia, entender e experienciar o espaço da escrita da poesia, quebrando assim toda fantasia que se desenvolve sobre o autor e sua obra, pois pode manifestar-se como “exposição de uma poética pessoal, como manifesto ou declaração de princípios, como crítica da linguagem ou da literatura ou como autocrítica.” (BOCHICCHIO, 2012, p. 171). O metapoema permite ao autor, por meio da escrita, revelar a sua forma de ver e escrever o mundo. Nesse sentido, “A crítica funciona como uma orientação e uma revelação para os que leem, surgindo em um momento em que ocorre a dessacralização da poesia.” (IGNEZ; CARDOSO, 2015, p. 13), as mesmas autoras afirmam que “Revelar o objeto também é uma forma de pôr em evidência o sujeito-lírico: sua forma de escrever, seu estilo, suas visões de mundo e de poesia” (2015, p. 14), ou seja, o processo de construção metapoético é desvendado por meio da crítica, tornando-se, assim, possível reconhecer a atividade poética como exercício linguístico.

Por falar em crítica, Haroldo de Campos defende que “Crítica é metalinguagem. (...) O objeto – a linguagem-objeto – dessa metalinguagem é a obra de arte, sistema de signos dotado de coerência estrutural e de originalidade.” (1976, p.7), nesse caso, a arte poética. Motta observa que “A metalinguagem crítica é uma operação na qual os significados de um sistema são constituídos pelos signos de outro sistema”, (1976, p.23) nesse caso, “O objeto é a obra de arte que contém uma linguagem crítica é a linguagem do crítico” (MOTTA, 1976, p. 23), ou seja, crítica é linguagem sobre a linguagem (CAMPOS, 1976, p.23), processo em que a linguagem é a obra de arte. Ainda de acordo com Motta, a metalinguagem crítica pode ser classificada de duas formas: ontológica ou semântica. “A ontológica é a relação dos signos com o próprio ser a partir do criador da obra de arte.” (1976, p.23) e semântica “é a própria explicação da linguagem estética pelo artista com uso nos signos.” (1976, p.23).

Samira Chalhub explica o caso da linguagem sobre a linguagem de forma matemática:

[...] uma operação de conhecimento acerca de algo é, na relação eu-outro, uma tradução de linguagem, onde um termo *A* – que podemos considerar como a emissão que organiza os signos referentes ao objeto, operando um conhecimento acerca desse mesmo objeto – descreve, explica, identifica, reproduz/produz, cria, reinventa, equaciona, equivale a um termo *B* [...]. (1986, p.7).

³ A distinção entre intralingual, interlingual e intersemiótica, sabe-se, vem de Jakobson. Define-se por: “1) A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua. 3) A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais” (JACOBSON, 1959).

Nesse caso, a linguagem ‘B’ é posta em critério de igualdade em relação à linguagem ‘A’, a autora desenha o seguinte gráfico (1986, p. 7):

$$A = B$$

linguagem a = linguagem b

E explica que “O sinal de equação [...] significa uma relação de pertinência: quer dizer que a linguagem *b* refere-se, em sua própria linguagem, à linguagem *a*. Ou, por outra parte, a linguagem-objeto (linguagem *a*) é falada pela linguagem *b*, cujos signos são constituídos da linguagem *a*.” (1986, p. 7), por meio desse percurso teórico descrito por Samira Chalhub pode-se visualizar graficamente o que entende-se por metapoesia.

3 A POESIA DE FLORBELA ESPANCA

Neste ponto, trataremos brevemente sobre a poesia de Florbela Espanca, especificamente poemas de relevo para nosso assunto, das obras: *Livro de Mágoas* (1919), *Livro de Sóror Saudade* (1923), *Charneca em Flor* (1931), *Reliquiae* (1931) e *O livro d’Ele* (1934). Seus poemas denotam tristeza, rejeição, desejo de ser reconhecida como a poetisa perfeita; em certos momentos, patriotismo, saudade, a angústia causada pelo amor, erotismo e negação do mundo ao qual pertence. Essas questões estão atreladas à necessidade de expor o sentimento que causa a dor, desalento, para que haja uma espécie de libertação do “eu” sofredor, do eu lírico que lamenta os percalços da vida.

Quanto às características de sua obra, no que diz respeito à forma poética, a postura clássica adotada teve maior representatividade, com poemas compostos por quatro estrofes: dois quartetos e dois tercetos, ou seja, sonetos. Quanto ao estilo, “uma forma de dizer” (IGNEZ; CARDOSO, 2015, p. 13), Florbela retoma aspectos como subjetividade, egocentrismo, religião, erotismo, e o escape da realidade; o que aponta para contexto do Simbolismo, apenas por colocação temporal, embora não completamente por recursos estilísticos, ou seja, mesmo que não possa ser classificada em escolas literárias, pois desenvolve uma forma própria do fazer poético, como bem afirma Natasha Gomes Paiva (2009): “Florbela Espanca foi uma mulher que se inventou, criou seu próprio universo lírico expressivo, com tendências ao excesso e à transgressão” (p. 26). A critério de observação, vale destacar que

Os simbolistas se voltaram para a espiritualização, em busca de uma alma humana universal. Nessa época, era muito comum o uso de pseudônimos, inclusive pelas escritoras, pois ainda existia forte insegurança na aceitação de mulheres intelectuais em uma sociedade tão conservadora. Florbela também adotou o nome Fellisbella Espanca Lage, quando fez trabalhos de tradução para Livraria Civilização, no porto. (PAIVA, 2009, p 11).

Seu primeiro livro, *Livro de mágoas*, principia com um poema convidativo, nomeado “Este livro...”. É um chamado aos “desgraçados” viventes, para que se façam leitores do “Livro de Mágoas”, como é intitulado. A própria autora o define: “Livro de Mágoas ... **Dores** ... Ansiedades! / Livro de Sombras ... Névoas e Saudades!”. Os poemas que compõem a obra são como definidos nos versos acima. Não é por coincidência que a palavra “triste” e seus derivados (tristes, tristeza, tristemente, tristonha), aparecem 35 vezes na obra, assim como a palavra “dor”, e seus derivados, 25 vezes. Em contrapartida, a palavra “felicidade” não é mencionada na obra uma única vez. É, de fato, um livro de mágoas, expressadas por meio da escrita.

Em 1923, Florbela publica o *Livro de Sóror Saudade*, que contém trinta e seis sonetos. A marca do livro deixa de ser, fundamentalmente – mas não completamente – a dor, e passa a ser o

erotismo, associado ao amor e à saudade. A palavra “amor” e seus derivados (amei, amar-te, amo) ocupam 39 lugares, o vocábulo “beijo” (beijar, beijos, beijou, beijando, beijassem, beijas, beije) aparece 25 vezes, como temática no decorrer da obra, como no último poema, *Exaltação*: “Nos meus **beijos** estáticos, pagãos!”. A amargura já não é tão incisiva como antes. Também é exemplo o título *Ruínas*: “E deixa sobre as ruínas crescer heras, / Deixa-as **beijar** as pedras e florir! / [...] Sonhos que tombam! Derrocada louca! / São como os **beijos** duma linda boca! Sonhos!...”. Os poemas constituintes do “Livro de Sórora saudade” apresentam, em sua maioria, a fusão de sentimentos que se conversam para resultar no sentido de nostalgia, uma saudade daquilo que outrora foi aprazível, como se lê nos últimos versos de “Ódio?”, em que amor e ódio retomam a ideia de saudade: “Ódio seria em mim saudade infinda, / Mágoa de o ter perdido, amor ainda!”.

Composto por 56 poemas, o livro “Charneca em Flor” reescreve um percurso que pode ser reconhecido como a cura para a dor, a ruptura do processo doloroso que se firmava, expressando, agora, calma. É como a brandura, é o unguento para as chagas, como no soneto *Conto de fadas*: “Eu trago-te nas mãos o esquecimento / Das horas más que tens vivido, Amor! / E para as tuas chagas o unguento / Com que sarei a minha própria dor.”. Em *Charneca em flor* o erotismo também se faz presente, a exemplo dos poemas: *Passeio a campo*, *Se tu viesses verme...*, entre outros. Florbela refaz sua forma de escrever, sem abrir mão de uma “pitada” de pessimismo. Mesmo sendo intuito estancar a dor, pode-se encontrar versos que ainda choram. Eis o primeiro terceto do soneto *Mendiga*: “Agora vou andando e mendigando, / Sem que um olhar dos mundos infinitos / Veja passar o verme, rastejando...”, ser verme é o último estágio, uma afronta à existência, a humilhação do ser, e a insignificância diante dos “mundos infinitos”. Essa condição agrava-se ainda mais quando o poema permite a leitura de ser um verme imperceptível. Esse reconhecimento é o adeus dado em silêncio, é a partida rastejante, a vida que aos poucos se desfaz, finda a existência.

Reliquiae (traduzido do latim: restos, aquilo que sobrou, sobreviventes), obra póstuma, composta por 32 sonetos e publicada em 1931, aponta considerável apreço pela temática do patriotismo, perceptível, principalmente, nos sonetos *Évora*, *À janela de Garcia de Resende* e *O teu olhar*, ao qual pertencem os seguintes versos: “E ao sentir-te tão grande, ao ver-te assim, / Amor, julgo trazer dentro de mim / Um pedaço da terra portuguesa!”. Na obra também é recorrente o tema do amor, que em alguns momentos parece ser fonte de alegria e encantamento/erotismo – *Primavera*, *Noite de chuva*, *O meu desejo*, *Divino instante*, *Roseira brava* – *Blasfêmia*: “Em ti sou glória, altura e poesia! / E vejo-me (Oh, milagre cheio de graça!) / Dentro de ti, em ti, igual a Deus!...”. Em determinados momentos, a desilusão amorosa ganha força, fala mais alto. Como é possível ler nos sonetos intitulados *Amor que morre*, *Vão orgulho*, e *Esquecimento*, do qual se pode ler: “Esse de quem eu era e que era meu, / Que foi um sonho e foi realidade, / Que me vestiu a alma de saudade, / Para sempre de mim desapar’ceu”. Em *Reliquiae* há poemas que exploram um amor encontrado e cheio de erotismo e poemas que “choram” a desilusão amorosa. No poema *O meu desejo*, o eu lírico se declara amante: “Minha boca tem fome só da tua! / Meus olhos têm sede só dos teus!”. Os versos resgatam a ideia de pertencimento – ser, conscientemente, do outro, do amado. Em contrapartida, esse arrebatamento se descontrói quando o eu enunciador chora as mágoas de um desapontamento: “O nosso amor morreu... / Quem o diria! Quem o pensara mesmo ao ver-me tonta. / Ceguinha de te ver, sem ver a conta / Do tempo que passava, que fugia!”. Enquanto *O meu desejo* traça os percursos do sentimento de pertencimento ao amor, ao ser amado, em *Amor que morre*, o eu lírico desenha as nuances da morte desse amor. E, por meio dessa organização, pode-se estabelecer, por meio da singularidade de cada soneto, um processo de desconstrução do amor outrora idealizado.

“O livro D’ele” é composto por 31 poemas estruturados em sonetos ou não. Os poemas parecem ter sido escritos a um remetente em comum, pelo qual o eu lírico está notadamente apaixonado, paixão essa que está muito vinculada ao olhar, dessa forma, aparecem a palavra olhar e seus derivados 55 vezes (olhar, olhando, olho, olha, olhos, olhamos); assim como

também revela a dor que o eu lírico sente em ter perdido o amor. Retoma assuntos como o patriotismo, melancolia (“O dia parece um réu”, “É tudo um imenso véu”), o amor perdido e a lembrança do olhar do amado.

4 A METAPOESIA SONETISTA DE FLORBELA ESPANCA

Este tópico se destina a observar a obra de Florbela Espanca, considerando seus sonetos com caráter metapoético. Se baseia na obra da autora selecionada e organizada no livro “Sonetos Completos”, sendo esse o motivo porque não entrará no critério de análise dos objetos de estudo a obra póstuma “Juvenília”. Vale ressaltar que a extensão do corpus selecionado justifica-se pelo fato de que houve a necessidade de visualizar de forma abrangente como Florbela transpõe seu ponto de vista para a poesia e como sua ideia de poesia se configura em sua poética.

Em *Livro de Mágoas*, há poemas que fazem referências a objetos da escrita, como a presença da palavra “livro”, em “Castelã da Tristeza”; da palavra “lira”, em “As Minhas Ilusões”; da palavra “canção”, em “Para Quê?!”; da palavra “cantar”, em “Velhinha”; e ainda da palavra “versos”, em “Impossível”. Embora remetam a certo contexto metalinguístico, os termos mencionados não fazem o texto se voltar, como um todo, para o assunto “poesia”, que é nosso objeto. Os poemas que tomamos como fundamentalmente metalinguísticos são: “Este Livro”, “A Um Livro”, “Vaidade”, “Tortura”, “Torre de Névoa” e “A Maior Tortura”.

No *Livro de Sóror Saudade*, ocorre o mesmo, sendo simples referência as palavras “Cantam” e “cantigas”, em “Alentejano”; a palavra “Arte”, em “O que Alguém Disse”; a palavra “Poeta”, em “Horas Rubras” e “Princesa Desalento”; a palavra “verso”, em “Da Minha Janela”; e a palavra “poetas”, em “Exaltação”. Os casos dos poemas “Sombra” e “Meu Mal” são difíceis de resolver, pois, sendo possível uma interpretação metalinguística, não é esta que se sobressai, ao menos a nossos olhos. Pois, é notável a simples referência da palavra “verso”, ligada aos escritores citados no texto: Gérard de Nerval e Nicolas Chamfort, no caso de “Meu Mal”; e a referência feita no verso inteiro “Versos tristes em sonhos de Poetas...”, no caso de “Sombra”. Sendo assim, os poemas não destacam prioritariamente a questão metalinguística ou metapoética. Identificamos, como poemas claramente metalinguísticos, apenas os textos “O Nosso Livro” e “Os Versos que Te Fiz”.

Alguns dos poemas constituintes da obra *Charneca em Flor* também fazem alusão a objetos da escrita, assim como pudemos detectar poemas metalinguísticos. Sendo apenas lugar de referência, a palavra “canção”, em “Mistério”; o verso “Tanto poeta em versos me cantou!”, em “Lembrança”; a palavra “versos”, em “Mocidade”; em “Sou eu!”, a palavra “cantar”; em “Amar!”, a palavra “canta”; em “Interrogação” e “Panteísmo”, a palavra “verso”; e mesmo os versos “Ensinou-me a cantar... e essa canção / Foi ritmo nos meus versos de paixão,” no longo poema em partes intitulado com o verso de Camões: “He hum não querer mais que bem querer”; e os versos “- Hei de compor, sonhar palavras belas, / Lindos versos de dor só para elas,” em “Crucificada”. Como textos metalinguísticos desse livro, temos, então: “Versos de Orgulho”, “Eu”, “Ser Poeta”, “Nervos de Oiro” e “A Voz da Tília”.

Em *Reliquiae*, temos a referência da palavra “poesia” no poema “Blasfêmia”; do verso “Lindos versos de antigos romanceiros” em poema sem título; e da palavra “livro”, em “Silêncio!...”. Caso à parte é o poema “À Janela de Garcia de Rezende”, que, sendo metalinguístico, não revela ideia interna de poesia, mas toma o assunto como tema central. Os textos metalinguísticos identificados, são: “O Meu Soneto”, “Para Quê?”, “Escrava”, e “Os Meus Versos”.

Por fim, *O Livro D’ele*, que junto com os livros supracitadas originaram a obra *Sonetos Completos*, organizada por Guido Battelli e publicada pela primeira vez em 1934. Embora tenha esse nome, nem todos os poemas selecionados são sonetos, porém, como nosso objeto de estudo

são os sonetos de Florbela Espanca, tomamos aqui apenas textos que seguem essa forma fixa. Assim, aparecem como referência a palavra “poema”, em “Escreve-me...”; e as palavras “canta” e “canção”, em “Escuta...”. Os sonetos metalinguísticos são: “Os Meus Versos”, “Doce Certeza” e “Versos”.

Para iniciar o trabalho de leitura e interpretação, selecionamos 20 sonetos metalinguísticos. São eles:

1. “Este Livro”;
2. “A Um Livro”;
3. “Vaidade”;
4. “Tortura”;
5. “Torre de Névoa”;
6. “A Maior Tortura”;
7. “O Nosso Livro”;
8. “Os Versos que Te Fiz”;
9. “Versos de Orgulho”;
10. “Eu”;
11. “Ser Poeta”;
12. “Nervos de Ouro”;
13. “A Voz da Tília”;
14. “O Meu Soneto”;
15. “Para Quê?”;
16. “Escrava”;
17. “Os Meus Versos”;
18. “Os Meus Versos [2]”⁴;
19. “Doce Certeza”;
20. “Versos”.

5 INTERPRETAÇÃO DO CORPUS SELECIONADO

A poética de Florbela casa com a afirmativa de Enoque Balbino Lima, em *Metapoesia: para uma poética da poesia – primeira parte: o poeta*: “[...] o poema está potencialmente no poeta, mesmo antes de construí-lo, pois em ato ele só passará a existir na página escrita. [...] mesmo depois de realizado, corporificado em verso, o poeta está transfigurado, diluído no poema” (1982, p. 100). Há aspectos que convergem entre si para essa constituição do poeta, que são: “o seu pensamento, as suas emoções, as vivências, sua cultura, sua ideologia, suas alegrias e/ou tristezas, seu pessimismo e/ou otimismo.” (1982, p. 100). A figura que se cria a partir do trecho citado é o poema como consequência da vida do poeta, logo, o poeta está em seu poema (LIMA, 1982, p. 100).

Os aspectos supracitados se configuram na escrita florbeliana nos casos em que, comparando vida e obra, se podem identificar os impasses que, como afetam um – sua vida – influenciam o outro – sua obra –, e é exatamente por isso que “o poema é construído com o que o poeta tira do mundo e de si mesmo. E o poema contém mais daquilo que o poeta tira de si mesmo do que aquilo que ele tira do mundo.” (LIMA, 1982, p. 101), sendo o poema uma releitura do poeta, constituída por meio da condensação do eu lírico e do poeta para a estruturação do poema. Vale ainda ressaltar que os textos serão classificados de acordo com seu

⁴ Identificaremos assim para não confundir com o texto de mesmo título (“Meus versos”) do livro *Reliquiae*. Portanto, “Meus versos [2]” refere-se ao poema que pode ser encontrado em *O livro D’ele*.

teor metapoético, que pode ser dividido em “poema estrutural ou centralmente metapoético, ou só pontual ou acidentalmente metapoético” ou seja, uma “metapoesia consciente, elaborada, voluntária – não só explícita –, em contraste com outra, aleatória.” (BOCHICHIO, 2012, p. 166), definições que podem ser reconhecidas por primeiro e segundo critérios.

A ordem que se configura na seleção dos poemas para comentário, segue a lista estabelecida no tópico *A metapoesia sonetista de Florbela Espanca*, do presente trabalho. A priori, os títulos que fazem referências a livros tratam sobre a relação da autora com o objeto material e com a escrita. Dois desses títulos podem ser encontrados no *Livro de mágoas*, são eles “Este livro” e “A um livro”. Aquele, trata-se do poema introdutório da obra e, como introdução, faz referência direta ao que se trata a escrita do livro: “Este livro é de mágoas”, é para ser compreendido e sentido, não apenas decodificado: “Este livro é para vós. Abençoados/ Os que o sentirem, sem ser bom nem belo!”. O eu lírico ainda reforça o tom de desalento reafirmando: “Livro de Mágoas ... Dores ... Ansiedades! / Livro de Sombras ... Névoas e Saudades!”. Pode-se identificar nos versos selecionados que a metalinguagem se destaca mais do que o sentido metapoético, portanto atende ao primeiro critério, ou seja, estrutural ou centralmente metapoético, pois aborda a metapoesia de forma alaborada. Trata-se de um poema que fala sobre a linguagem do livro. É a escrita que aborda características específicas de sentido – mágoas, dores, ansiedade, sombras, tortura, desventura, desgraça, choro – para reforçar a própria ideia de mágoa e o que a ela está atrelado. Apesar de parecer sombrio, o poema é, a seu modo, convidativo: “Chorai comigo a minha imensa mágoa, / Lendo o meu livro só de mágoas cheio! ...”, um convite que resgata o leitor a por meio da leitura e da empatia.

Em “A um livro”, o eu lírico se dirige a alguém, mas parece se referir a um livro que o poema compõe: “Sombra roubada ao livro que ando a ler, / A esse livro de mágoas que me deste.”, e, ao ocupar a posição de poema que compõe o livro ao qual se refere, o texto fala sobre o seu conteúdo: “livro de mágoas”. Nos versos também pode ser identificada a relação que o poeta estabelece com a escrita: “Estranho livro aquele em que puseste / Tudo o que eu sinto, sem poder dizer!”, ou seja, em Florbela a poesia é o lugar de se dizer tudo o que se sente e que não pode ser dito. E, por estar no poema o indizível, é com ele que o eu lírico se surpreende, pelo fato de o livro cantar (salma) o mais íntimo do poeta: “Leio-o, e folheio, assim, toda a minh’alma! / O livro que me deste é meu, e salma / As orações que choro e rio e canto! ...”, é o processo de escrita desvendado por meio do reconhecimento de si e é ainda mais: “O livro que salma” sabe o sussurro da alma do eu lírico, conhece seu íntimo. Percebe-se, assim, a poesia como lugar de encontramento do poeta, lugar de expressão, por meio do qual pode folhear a alma. Sendo assim, a construção do poema aponta para o primeiro critério, em que observa-se uma metapoesia consciente.

Percebe-se certa exaltação à questão do ser poeta ou da própria poesia, evidenciada no poema “Vaidade”: “Sonho que sou a Poetisa eleita, / Aquela que diz tudo e tudo sabe, / Que tem a inspiração pura e perfeita, / Que reúne num verso a imensidade!”. Além de trazer a atenção para um ser interno, o eu lírico feminino é cheio de si, certo da importância que tem. Ser “a Poetisa” a torna única, não apenas mais uma, ou uma qualquer, pois sendo sábia em todas as coisas e tendo a inspiração perfeita, tem a habilidade de reunir na fragilidade de um verso, a grandeza da imensidão. Ser a “Poetisa eleita” confere a ela uma posição de superioridade: “Sonho que sou / Alguém cá neste mundo ... / Aquela de saber vasto e profundo, / Aos pés de quem a Terra anda curvada!”. Essa superioridade está marcada explicitamente no verso “Aos pés de quem a Terra anda curvada”; não é uma pessoa específica, uma classe de pessoas, um grupo ou apenas uma parcela da sociedade, é a “Terra” que anda curvada, em reverência à sua autoridade como poetisa e sábia, a eleita.

Em “Tortura”, a própria autora responde qual é o lugar do verso, principal constituinte do poema: “Quem me dera encontrar o verso puro, / O verso altivo e forte, estranho e duro, / Que dissesse, a chorar, isto que sinto!!”. É o verso “puro”, “altivo”, “forte” e estranhamente firme, verdadeiro, capaz de exprimir o que o poeta sente, pois é ele mesmo que chora expressando a

dualidade de sentimentos proclamados na poesia florbeliana, por meio da voz do eu lírico. Não é apenas nesse sentido que a poesia de Florbela Espanca apresenta traços de metapoesia. Na composição do poema, os versos são aqueles que passam por maior destaque quando se trata de abordagem metapoética.

No caso de “Torre de névoa”, a construção do sentido de metapoesia está, principalmente, vinculado ao diálogo. Essa postura adotada pelo eu lírico, pode ser identificada nos versos “E pus-me, comovida, a conversar / Com os poetas mortos, todo o dia.”, versos que levam o leitor a visualizar um indivíduo louco, sonhador, que não possui grau de demência incapacitante, pois tem capacidades de seleção, pois dialoga com poetas mortos: “Contei-lhes os meus sonhos, a alegria / Dos versos que são meus, do meu sonhar.”. Em “Torre de névoa” a conversa entre poetas é poesia, mas uma poesia de desilusão: “Criança doida e crente! Nós também / Tivemos ilusões, como ninguém, / E tudo nos fugiu, tudo morreu! ...”, toda fantasia poética apresentada por meio das emoções do eu lírico são desprezadas, e dão lugar a uma só voz: “E todos os poetas, a chorar, / Responderam-me então: “Que fantasia””. Isso é metapoesia, um diálogo sobre poesia/ poema que se configura na forma de poema, com poesia. Apesar disso, não percebe-se que seja um texto estruturado sobre a perspectiva metapoética, sendo assim, o poema assume uma posição apenas pontual em relação à metapoesia.

Pode-se dizer que Florbela faz uso do próprio poema para expressar seus sentimentos, como é o caso do título “A maior tortura”, em que, exaltando o trabalho do poeta, diz: “Mas a minha tortura inda é maior: / Não ser poeta assim como tu és / Para gritar num verso a minha Dor! ...”. O verso é o espaço de expressão da dor, é o grito que revela o sentimento do poeta. O texto também se encaixa no segundo critério: pontual.

Em “O nosso livro” é possível perceber que a ligação do eu lírico, quanto ao que se considera o “Livro do meu amor”, não têm caráter sombrio como em “Este livro”, pois a leitura remete menos o leitor à ideia de tristeza. O amor, em “Livro do meu amor, do teu amor, / Livro do nosso amor (...)”; a delicadeza, em “Abre-lhe as folhas devagar, com jeito, / Como se fossem pétalas de flor.”; a individualidade: “Livro de mais ninguém! Só meu! Só teu! / Num sorriso tu dizes e digo eu: / Versos só nossos mas que lindos sois!”, dão sentido ao texto. Além de fazer menção ao objeto de livro livro, há versos que apontam para uma leitura de metapoesia com maior ênfase, são os casos do terceiro verso, do primeiro terceto: “versos só nossos mas que lindo sois!”, e o último verso: “Versos só nossos, só de nós os dois!...”, isso porque fazem menção direta a elementos constituintes do poema, abordam a questão temática de forma mais ampla, ao se referir ao livro e posteriormente, ao verso.

No poema “Os versos que te fiz”, o eu lírico tem um zelo de esculpir em mármore finíssimo os versos que compõe: “Deixa dizer-te os lindos versos raros / Que a minha boca tem pra te dizer! / São talhados em mármore de Paros / Cinzelados por mim pra te oferecer”. E não apenas isto, eles têm uma função: “Deixa dizer-te os lindos versos raros / Que foram feitos pra te endoidecer!”, o poema que faz uso do recurso poético para se referir, portanto, atende ao primeiro critério. Em “Mas, meu Amor, eu não tos digo ainda... / Que a boca da mulher é sempre linda / Se dentro guarda um verso que não diz!”, o verso deixa de ser expressão de dor e ganha um espaço atrelado à beleza, à raridade, ao erotismo, que têm função de enlouquecer, conquistar. O verso guardado é a “carta na manga”, o segredo para a conquista, o mistério que encanta. Além disso, é o próprio verso o recurso usado para se dizer lindo e raro.

O título “Versos de orgulho” expressa em sua completude o conteúdo do texto que intitula. O versos são de orgulho, pois a escrita trabalha a exaltação a sua autora: “O mundo quer-me mal porque ninguém / Tem asas como eu tenho! Porque Deus / Me fez nascer Princesa entre plebeus”. E encontra na grandeza do poeta a capacidade de transformar o mundo inteiro em versos: “O mundo! O que é o mundo, ó meu amor?! / O jardim dos meus versos todo em flor”, o mundo, sendo questionável é sintetizado a um jardim em flor: de versos. Mas ainda é possível ler a possibilidade do que são versos: “O jardim dos meus versos todo em flor, / A seara dos teus beijos, pão bendito, / Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços... / São os teus braços dentro

dos meus braços:”. Assim como os êxtases, sonhos e cansaços do eu lírico, os versos podem se concretizar em um abraço.

O soneto “Eu” aborda o quesito metapoesia de forma intrínseca ao poeta. A voz do eu lírico coloca o poeta como aquele que se descreve no poema: “Julgava que era Eu e eu não era/ Aquela que em meus versos descrevera/ Tão clara como a fonte e como o dia.”, ou seja o eu lírico julgava que era a descrição de si, eu poeta, por meio do poema. O poema como fruto do poeta, e o descortinamento sobre o poeta, que se descobre a medida que o poema é escrito: “Mas que eu não era Eu não o sabia”, trata-se do poema no poeta e, de acordo com Enoque Balbino (1982), isso é metapoesia, porém, pontual. Pois, não representa como objetivo de elaboração do poema uma metapoesia elaborada, consciente.

A escolha do título “Ser poeta” para a abordagem metapoética, se justifica pelo fato de que é importante observar quem é o responsável pela criação poética por traz da cortina que encobre a construção dos versos, na concepção de Florbela. Segundo o eu lírico, “Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior / Do que os homens!”; seria ser deus? Certamente, ser poeta é estar em outro patamar, acima dos homens comuns, é ter capacidades que o homem comum não tem: “Morder como quem beija! / É ser mendigo e dar como quem seja / Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!”. Ser poeta é ser rei, superior, nobre. “É ter de mil desejos o esplendor”, ou seja, é desejar intensamente o brilho da grandiosidade de uma vida, intenção que se resume no verso “É ter garras e asas de condor!”; é desejar, entre todos, ser maior, alçar os mais altos voos, se tornando assim único, grande. Mas é nunca se satisfazer com isso, “É ter fome, é ter sede de Infinito!”, daquilo que parece inatingível. Ser poeta, na concepção de Florbela, é a condensação entre grandiosidade e escrita, que se resume em glória.

Partindo da definição de ser poeta, e sendo o poeta sujeito responsável pela composição do verso que possui dentro de si, o poema *Nervos D'Oiro* permite a leitura que se estabelece entre obra e autor, expõe aquilo que está intrínseco na criação. A reflexão sobre o poema *Nervos D'Oiro* aproxima o leitor com a representação do que é a poesia – e ainda mais, expõe o método da criação –, que ganha forma nos versos, componentes do poema, freneticamente declamados pela voz do eu lírico. Segundo Helba Carvalho, em *Poemas metalinguísticos de Ferreira Gullar: uma proposta de sequência didática interdisciplinar*, em metapoesia,

Não apenas se coloca em exposição os bastidores da criação, evidenciando as estruturas, o código, a função poética, mas constrói-se uma crítica da própria poética. Essa consciência da linguagem afasta o poeta da realidade colocando-o diante da realidade do próprio poema. Assim pode-se analisar não somente algumas concepções do que seja o poema, mas a forma como o enunciador rompe os limites fonológicos, lexicais, sintáticos e semânticos traçados pela língua [...]. (2015, p. 124).

Essa poesia é, como na última estrofe: “Toda a arte suprema dos versos”, “guizos de oiro a tilintar”, a alegria ruidosa de ouro, a “volúpia”, a “mágoa”, a “alegria”; a “quimera”, a “loucura”, a “fantasia”, tudo se unindo para dar forma ao poema, tudo o que se sente são versos. Para essa abordagem, é relevante observar a relação que se estabelece nos versos “E em mim, dentro de mim, vibram dispersos, / Meus nervos de oiro, esplêndidos, que são / Toda a Arte suprema dos meus versos!”: a arte suprema é a engrenagem dos versos de Florbela, que encontra a nascente da poesia em si mesma. Percebe-se esse processo de construção do poema de forma minuciosa e expressiva, quando se considera o princípio de que “O metapoema permite ao enunciador dizer-se não necessariamente por meio de uma revelação direta, mas por meio do desnudamento de sua escrita, que, de certa forma, o inscreve no texto.” (IGNEZ; CARDOSO, 2015, p. 14).

No poema “A voz da tília”, apesar das referências em “Diz-me a tília a cantar: “Eu sou sincera”, o poema faz referências diretas à poesia, como é o caso de “Diz a chuva sonetos de Verlaine...”. O próprio ato de dizer indica o processo de construção do soneto e se remete a uma

construção melancólica da linguagem. O papel que a chuva assume na literatura, quando não fatura, se remete a tristeza, compõe cenários melancólicos. No mesmo verso é feita menção a um dos mais conhecidos poetas franceses, Paul Marie Verlaine, o “príncipe dos poetas” da França, autor de *Poèmes saturniens* (1866) e *Les poètes Maudits* (1884), entre outros. Versos que também contribuem com o caráter metapoético são “Já fui um dia poeta como tu... / Ainda hás de ser tília como eu sou...”.

Versos como “Em atitudes e em ritmos fleumáticos”, “Em ti andam bailando os meus sentidos...”, “São letras de poemas nunca lidos...”, “São mistérios, são filtros, são enredos”, podem ser lidos no poema “O meu soneto”. O texto revela, por meio da escrita, como ganha forma e o que é o soneto. De acordo com a voz do eu lírico, poemas “São mistérios, são filtros, são enredos”, construídos “Em atitudes e em ritmos fleumáticos”. A relação entre poeta e poema pode ser compreendida por meio dos versos que compõem a segunda quadra do poema: “E os meus olhos serenos, enigmáticos, / Meninos que na estrada andam perdidos, / Dolorosos, tristíssimos, extáticos, / São letras de poemas nunca lidos...”. Os olhos, conhecidos como “espelhos da alma”, no poema, são serenidade, enigma, dor, tristeza, evidencia o mais íntimo do poeta.

Inicialmente, o poema “Para quê?” põe em questão a necessidade de ser o que aparentemente é inútil: “o musgo do rochedo”, a “urze atormentada da montanha”, mas evolui o sentido de ser algo de maior importância: “Pra que ser asa quando a gente voa, / De que serve ser cântico se entoa / Toda a canção de amor do Universo?”. É possível entender que há a necessidade da asa para o voo, e a necessidade de se entoar o canto, pois sem entoação, não há canto. Pode-se perceber que a construção dos versos se dá por meio do questionamento das coisas que são externas à escrita – o visual, o concreto, o audível – para torna-las poesia. E em “Para que ser altura e ansiedade, / Se se pode gritar uma Verdade / Ao mundo vão nas sílabas dum verso?”, é usado o critério da metapoesia para exaltar a importância que o veículo (em questão, o verso) representa: a eficácia de um verso em correr o mundo comportando em si a verdade. Contudo, o poema não é centralmente metapoético, apesar de tratar sobre a questão de forma explícita, apenas pontua aleatoriamente.

O soneto “Escrava” denota metapoesia do título ao fim. Inicialmente porque todo o poema refere-se a si mesmo e o título, ao eu lírico feminino que o compõe. No texto, o poema é saudado como deus: “Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor, / Eu te saúdo, olhar do meu olhar”. No poema são feitas referências ao diálogo: “Fala da minha boca ao palpitar” e à escrita “Gestos das minhas mãos tontas de amor”. O segundo terceto deixa mais clara a ideia de metapoesia e de que as menções de exaltação de referem ao poema, lê-se: “Ah, esse verso imenso de ansiedade, / Esse verso de amor que te fizesse / Ser eterno por toda a Eternidade!...”, percebe-se aqui a ideia de construção do poema, e em “Ser eterno por toda a Eternidade!...”, o desejo de tornar o poema eterno, por isso a referência a ele como deus, no primeiro verso “Ó meu Deus”.

A relação que se estabelece entre o eu lírico e a pessoa amada, no poema “Os meus versos” se dá por meio da tentativa de abrir mão do verso: “Rasga esses versos que eu te fiz, amor! / Deita-os ao nada, ao pó”; revela a desconstrução do todo, do poema, por meio da dispersão – “Deita-os ao nada, ao pó” – e esquecimento do verso. Na primeira estrofe, a relação com o verso é limitada às questões físicas: “Que a cinza os cubra, que os arraste o vento, / Que a tempestade os leve aonde for!”, não importa onde, mas que a tempestade os leve embora; caracteriza a necessidade de abstrair-se desses sentimentos. A partir da segunda estrofe, o esquecimento passa a ganhar uma relação psicológica: “Rasga-os na mente, se os souberes de cor, / Que volte ao nada o nada de um momento!”. Rasgar os versos implica se desfazer da possibilidade de leitura e se libertar de momentos em que os versos retomam e não tiveram representatividade. Processo que se sugere realizar por meio da mente e que é posto em contraste com a ideia seguinte: “se o souberes de cor”. Logo, para se desfazer do verso, faz-se necessário primeiro sabê-lo. O vínculo que há entre obra e autor está evidente em “Tanto verso já disse o

que eu sonhei! / Tantos penaram já o que eu penei! / Asas que passam, todo o mundo as sente...”; nesse ponto, a voz do eu lírico parece ser abafada, enquanto a do poeta ganha representatividade e revela o quanto o poema se encontra no poeta, como afirma Enoque Balbino Lima (1982): “[...] o poema está potencialmente no poeta, mesmo antes de construí-lo, pois em ato ele só passará a existir na página escrita. [...] mesmo depois de realizado, corporificado em verso, transfigurado, diluído no poema [...]”, sendo assim, o poema só se constitui como responsável por dizer aquilo que o poeta já sonhou e penou, porque antes de existir como poema, já existia no autor a motivação para torná-lo, por meio da escrita, legível.

Há poemas com caráter metapoético em que se pode perceber o desnudamento do processo de escrita, o que inspira o poeta é revelado por meio da voz do eu lírico, como é o caso de “Os meus versos (2)”, em: “Leste os meus versos? Leste? E adivinhaste / O encanto supremo que os ditou? / Acaso, quando os leste, imaginaste / Que era o teu esse olhar que os inspirou?”, o aspecto que leva à construção do poema identifica-se no olhar do outro, o amado. E possui tamanha intimidade com o sentimento do eu lírico que resgata questões internas a ele: “Que inspirou esses versos! Teu olhar / Que eu trago dentro d'alma a soluçar!”, a inspiração não é externa ao eu que sente, por possuir influência de terceiro, mas é interna: “Que eu trago dentro d'alma”, é parte do poeta. Em “Os meus versos (2)”, a autora aborda de forma explícita o critério de metapoesia e o faz conscientemente, de forma elaborada.

Em “Doce certeza” o amor ganha espaço ao lado do erotismo: “Por essa vida fora hás de adorar / Lindas mulheres, talvez, em ânsia louca”, mas elenca também a ideia de amor não correspondido: “Muito beijo d'amor apaixonado; / E não te lembrarás de mim sequer!..”, mas a “doce certeza” a que se remete o título está vinculada aos versos “Mas nunca encontrarás p' la vida fora, / Amor assim como este amor que chora / Neste beijo d'amor que são meus versos!”, uma certeza que o eu lírico feminino possui é de que o seu amado jamais encontrará amor igual ao seu, amor que chora, amor que se expressa por ato “beijo d'amor” e por poesia “são meus versos”.

O poema “Versos”, também retrata o desnudamento do poeta, desmistificando-o. Ao mesmo tempo que afirma “Sei lá o que são versos”, é por meio do próprio verso, fazendo uso de figuras de linguagem, que o eu lírico expressa sua visão do que são versos. Não possuem um conceito técnico, mas se definem por meio de outros elementos: “pedaços de sorriso, branca espuma, / Gargalhadas de luz, cantos dispersos/ Pétalas que caem uma a uma”. Identifica-se aqui a metáfora como recurso, o que também é notório nos versos: “Um verso é o teu olhar, / Um verso é o teu sorriso e os de Dante”.

No poema “Versos”, percebe-se que as comparações escolhidas para determinar o que são versos vagueiam entre gargalhadas de luz e soluços de dor. Há versos que gradativamente constroem essa leitura e vão apresentando ao leitor possibilidades para se chegar a uma dedução sobre o que o eu lírico sugere ser verso: “pétalas que caem uma a uma”, a flor que se desfaz, em seu fundamento de beleza, aos poucos se destrói. No primeiro terceto, versos são um “pobre coração / Partido em mil pedaços”. A “definição” se dá por meio do recurso da gradação, em que se percebe a situação definidora se agravar: “Gargalhadas de luz, cantos dispersos / Pétalas que caem uma a uma”. Não se trata de um poema no qual o eu lírico engrandeça a arte do que são versos, mas aqui procura defini-los de acordo com seu humor, e aquilo que era “Gargalhada de luz” se torna “soluços de dor que andam dispersos / Por esse grande amor em que não crês”, expressa descrença e frustração decorrentes daquilo que se esperava e não se concretizou. Essa desilusão determina a relação da autora com a ideia que tem sobre o que são versos, pois inicia sem saber e conclui o poema de igual maneira. Nesse caso, se é conhecido o sentimento, sabe-se o verso. E, se não, a incerteza do início persiste. Assim, o verso é o espaço do sentimento. Segundo Chalhub, “Podemos qualificar um texto de poético quando desvelamos, na sua organização, as equivalências de som e sentido – é um dos trabalhos do poetar.” (1986, p. 20), no caso do poema “Versos” o som se dá por meio da aliteração, repetição do som consonantal ‘S’.

O quesito poético se revela pela constituição do poema, a medida que a sonoridade envolve o sentido no sussurro lamentável emitido pouco a pouco.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises realizadas, identifica-se que Florbela se insere em sua própria poesia como alguém que sonha ser a poeta eleita/perfeita, ao mesmo tempo que possibilita uma leitura de desnudamentos do processo de escrita, do eu poeta, de um eu lírico sobrecarregado de sentimentos. A visão de poesia de Florbela, analisada por meio de seus sonetos, pode ser ampliada para a perspectiva de poesia como lugar de escape, de encontramento; onde o poeta, sendo na visão de outros um fingidor, ou alguém alheio ao que escreve, pode, de fato, se revelar e ser mais do que realmente é na ótica social.

Sendo o pessimismo e o amor algumas das principais marcas semânticas representadas nos poemas, por meio das construções que abrangem, é possível delinear os aspectos da linguagem literária, fator marcante em Florbela. O uso recorrente das figuras de linguagem – prosopopeia, metáfora – ou das figuras de sintaxe – anáfora, pleonasma, hipérbato – contribuem para o desenvolvimento do sentido dos textos, com intuito de levar o leitor o mais próximo possível do que sente o eu enunciador da obra florbeliana. As temáticas que mais demarcam o campo literário no qual a autora se apoiou, também ligam o seu trabalho a um contexto marcante da literatura, o simbolismo.

O percurso traçado pelas composições de Florbela Espanca revela um estilo literário próprio no modo de dizer e refletir sobre seu mundo pessoal e olhar sobre a vida. Sua obra contempla uma perspectiva negativa a respeito das relações estabelecidas entre o eu lírico e o mundo que o circunda. Não por qualquer motivo, mas sim devido aos problemas vivenciados, a imagem de eu lírico construída pela autora mais chora que goza prazeres e mais anseia a morte, que a vida. Seus poemas são um “livro aberto” sobre os sentimentos mais diversos e sombrios. Florbela desenha seu nome na história com uma partida trágica, assim como foi a vida, deixando na história da literatura poemas nunca publicados em vida e um acervo literário riquíssimo, de reconhecido valor estético da linguagem escrita.

Sua vida traumática e triste, tão fortemente colocada em sua poesia, no entanto, revela o quanto a literatura tinha lugar de fuga e de expressão do eu para a autora. Em sua poética, Florbela parece usar o verso como metáfora da poesia como um todo, daí muitas das nossas conclusões a respeito de sua visão de poesia. Ela vê a poesia como um lugar de expressão do eu (lugar também de expressão dos sentimentos, muitas vezes como fuga da dor), de representação do eu (em que o eu pode ser verdadeiro, pode ser o que não é em vida), em que o eu pode se exprimir de maneira maior do que na vida comum. Assim, a poesia é superior à própria vida, é maior, mais forte, capaz de tornar o poeta mais do que um simples ser humano. A poesia parece estar num plano exterior ao mundano. Mas, parece-nos, Florbela não se vê completamente como esse poeta superior, vê-se, antes, como alguém que sonha ser poeta maior, que sonha conseguir fazer verdadeira poesia. Talvez ela não soubesse, mas já conseguira.

REFERÊNCIAS

BIOGRAFIA. Editora Peirópolis. Disponível em: <http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/florbela_espanca/biografia.html>. Acesso em: 07 de nov. de 2018.

BOCHICHIO, Maria. **Metapoesia e crise da consciência poética**. *Revista Biblos*. Coimbra, v. 10, p. 155 – 172.

BOMFIM, Renata. **O busto de Florbela Espanca**. Disponível em: <<http://www.letraefel.com/2011/12/o-busto-de-florbela-espanca.html>>. Acesso em: 09 de nov. de 2018.

CAMPOS, Álvaro de. **Pecado Original**. Lisboa: Ática, 1944. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/81>> Acesso em: 19 de Jun. de 2019.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

CARDOSO, E. A; IGNEZ A. F. Os neologismos literários na construção da metapoesia: o estilo em evidência. In: MICHELETTI, G; SPARANO, M. E. (Orgs.). **Os neologismos literários na construção da metapoesia: o estilo em evidência**. São Paulo: Terracota Editora, 2015. p. 11-33.

CARVALHO, Elba. *Poemas metalinguísticos de Ferreira Gullar: uma proposta de sequência didática interdisciplinar*. In: MICHELETTI, G; SPARANO, M. E. (Orgs.). **Estilística: texto, discurso e ensino**. São Paulo: Terracota Editora, 2015. p. 119 – 131.

CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

ESPANCA, Florbela. **Charneca em flor**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action&co_autor=39>. Acesso em: 09 de nov. de 2018.

ESPANCA, Florbela. **Livro de mágoas**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action&co_autor=39>. Acesso em: 09 de nov. de 2018.

ESPANCA, Florbela. **Livro de sóror saudade**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action&co_autor=39>. Acesso em: 09 de nov. de 2018.

ESPANCA, Florbela. **O livro d'ele**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action&co_autor=39>. Acesso em: 09 de nov. de 2018.

ESPANCA, Florbela. **Reliquiae**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action&co_autor=39>. Acesso em: 09 de nov. de 2018.

ESPANCA, Florbela. **Sonetos completos de Florbela Espanca**. Luso Livros, 2013. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/04/Sonetos-Completo.pdf>> Acesso em 04 de jul. de 2019.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.

JAKOBSON, Roman. **Aspectos linguísticos da tradução**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/321070/mod_resource/content/1/JAKOBSON%20tradu%C3%A7%C3%A3o,%20lingu%C3%ADstica,%20fun%C3%A7%C3%A3o%20po%C3%A9tica.pdf> Acesso em: 04 de ago. de 2019.

LIMA, E. B. **Metapoesia**: para uma poética da poesia. Primeira parte: o poeta. *Semina*, v. 3, n. 10, p. 95 – 102, 1982.

LIMA, E. B. **Metapoesia**: para uma poética da poesia. Segunda parte: a poesia. *Semina*, v. 3, n. 10, p. 159 – 168, 1982.

MOTTA, Dilman Augusto. **A metalinguagem na poesia de Carlos Drummond de Andrade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

MÜLLER JR., A. **A metalinguagem na poesia brasileira contemporânea**. Cerrado: Brasília, n° 5, 1996.

OS monumentos a Florbela. **Ler Florbela Espanca**. Disponível em: <<http://lerflorbelaespanca.blogspot.com/2016/07/os-monumentos-florbela.html>>. Acesso em: 07 de nov. de 2018.

PAIVA, Natascha Gomes. Lirismo verbal e digital. In: _____. **Lirismo verbal e virtual: travessia de sentidos**. São Paulo: Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2009. p. 06 – 24.

PAIVA, Natascha Gomes. Escrita lírica de Florbela Espanca. In: _____. **Lirismo verbal e virtual: travessia de sentidos**. São Paulo: Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2009. p. 24 – 63.

ANEXOS

ESTE LIVRO ...

Este livro é de mágoas. Desgraçados
 Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!
 Somente a vossa dor de Torturados
 Pode, talvez, senti-lo ... e compreendê-lo.

Este livro é para vós. Abençoados
 Os que o sentirem, sem ser bom nem belo!
 Bíblia de tristes ... Ó Desventurados,
 Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!

Livro de Mágoas ... Dores ... Ansiedades!
 Livro de Sombras ... Névoas e Saudades!
 Vai pelo mundo ... (Trouxe-o no meu seio ...)

Irmãos na Dor, os olhos rasos de água,
 Chorai comigo a minha imensa mágoa,
 Lendo o meu livro só de mágoas cheio! ...

VAIDADE

Sonho que sou a Poetisa eleita,
 Aquela que diz tudo e tudo sabe,
 Que tem a inspiração pura e perfeita,
 Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade
 Para encher todo o mundo! E que deleita
 Mesmo aqueles que morrem de saudade!
 Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou Alguém cá neste mundo ...
 Aquela de saber vasto e profundo,
 Aos pés de quem a Terra anda curvada!

E quando mais no céu eu vou sonhando,
 E quando mais no alto ando voando,
 Acordo do meu sonho ... E não sou nada! ...

TORTURA

Tirar dentro do peito a Emoção,
 A lúcida Verdade, o Sentimento!
 – E ser, depois de vir do coração,
 Um punhado de cinza esparso ao vento! ...

Sonhar um verso de alto pensamento,
 E puro como um ritmo de oração!
 – E ser, depois de vir do coração,
 O pó, o nada, o sonho dum momento ...

São assim ocos, rudes, os meus versos:
 Rimas perdidas, vendavais dispersos,
 Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,
 O verso altivo e forte, estranho e duro,
 Que dissesse, a chorar, isto que sinto!!

TORRE DE NÉVOA

Subi ao alto, à minha Torre esguia,
 Feita de fumo, névoas e luar,
 E pus-me, comovida, a conversar
 Com os poetas mortos, todo o dia.

Contei-lhes os meus sonhos, a alegria
 Dos versos que são meus, do meu sonhar,
 E todos os poetas, a chorar,
 Responderam-me então: “Que fantasia,

Criança doida e crente! Nós também
 Tivemos ilusões, como ninguém,
 E tudo nos fugiu, tudo morreu! ...”

Calaram-se os poetas, tristemente ...
 E é desde então que eu choro amargamente
 Na minha Torre esguia junto ao céu! ...

A MAIOR TORTURA

A um grande poeta de Portugal!

Na vida, para mim, não há deleite.
 Ando a chorar convulsa noite e dia ...
 E não tenho uma sombra fugidia
 Onde poise a cabeça, onde me deite!

E nem flor de lilás tenho que enfeite
 A minha atroz, imensa nostalgia! ...
 A minha pobre Mãe tão branca e fria
 Deu-me a beber a Mágoa no seu leite!

Poeta, eu sou um cardo desprezado,
 A urze que se pisa sob os pés.

Sou, como tu, um riso desgraçado!

Mas a minha tortura inda é maior:
 Não ser poeta assim como tu és
 Para gritar num verso a minha Dor! ...

A UM LIVRO

No silêncio de cinzas do meu Ser
 Agita-se uma sombra de cipreste,
 Sombra roubada ao livro que ando a ler,
 A esse livro de mágoas que me deste.

Estranho livro aquele que escreveste,
 Artista da saudade e do sofrer!
 Estranho livro aquele em que puseste
 Tudo o que eu sinto, sem poder dizer!

Leio-o, e folheio, assim, toda a minh'alma!
 O livro que me deste é meu, e salma
 As orações que choro e rio e canto! ...

Poeta igual a mim, ai que me dera
 Dizer o que tu dizes! ... Quem soubera
 Velar a minha Dor desse teu manto! ...

O NOSSO LIVRO

A A.G.

Livro do meu amor, do teu amor,
 Livro do nosso amor, do nosso peito...
 Abre-lhe as folhas devagar, com jeito,
 Como se fossem pétalas de flor.

Olha que eu outro já não sei compor
 Mais santamente triste, mais perfeito
 Não esfolhes os lírios com que é feito
 Que outros não tenho em meu jardim de dor!

Livro de mais ninguém! Só meu! Só teu!
 Num sorriso tu dizes e digo eu:
 Versos só nossos mas que lindos sois!

Ah, meu Amor! Mas quanta, quanta gente
 Dirá, fechando o livro docemente:
 "Versos só nossos, só de nós os dois!..."

OS VERSOS QUE TE FIZ

Deixa dizer-te os lindos versos raros
Que a minha boca tem pra te dizer!
São talhados em mármore de Paros
Cinzelados por mim pra te oferecer.

Têm dolências de veludos caros,
São como sedas brancas a arder...
Deixa dizer-te os lindos versos raros
Que foram feitos pra te endoidecer!

Mas, meu Amor, eu não tos digo ainda...
Que a boca da mulher é sempre linda
Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...
E, nesse beijo, Amor, que eu te não dei
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

VERSOS DE ORGULHO

O mundo quer-me mal porque ninguém
Tem asas como eu tenho! Porque Deus
Me fez nascer Princesa entre plebeus
Numa torre de orgulho e de desdém!

Porque o meu Reino fica para Além!
Porque trago no olhar os vastos céus,
E os oiros e os clarões são todos meus!
Porque Eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

O mundo! O que é o mundo, ó meu amor?!
O jardim dos meus versos todo em flor,
A seara dos teus beijos, pão bendito,

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...
São os teus braços dentro dos meus braços:
Via Láctea fechando o Infinito!...

EU

Até agora eu não me conhecia,
julgava que era Eu e eu não era
Aquela que em meus versos descrevera
Tão clara como a fonte e como o dia.

Mas que eu não era Eu não o sabia
mesmo que o soubesse, o não dissera...

Olhos fitos em rútila quimera
Andava atrás de mim... e não me via!

Andava a procurar-me - pobre louca!
E achei o meu olhar no teu olhar,
E a minha boca sobre a tua boca!

E esta ânsia de viver, que nada acalma,
E a chama da tua alma a esbrasear
As apagadas cinzas da minha alma!

SER POETA

Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda gente!

NERVOS D'OIRO

Meus nervos, guizos de oiro a tilintar
Cantam-me n'alma a estranha sinfonia
Da volúpia, da mágoa e da alegria,
Que me faz rir e que me faz chorar!

Em meu corpo fremente, sem cessar,
Agito os guizos de oiro da folia!
A Quimera, a Loucura, a Fantasia,
Num rubro turbilhão sinto-As passar!

O coração, numa imperial oferta.
Ergo-o ao alto! E, sobre a minha mão,
É uma rosa de púrpura, entreaberta!

E em mim, dentro de mim, vibram dispersos,
Meus nervos de oiro, esplêndidos, que são

Toda a Arte suprema dos meus versos!

A VOZ DA TÍLIA

Diz-me a tília a cantar: "Eu sou sincera,
Eu sou isto que vês: o sonho, a graça,
Deu ao meu corpo, o vento, quando passa,
Este ar escultural de bayadera..."

E de manhã o sol é uma cratera,
Uma serpente de oiro que me enlaça...
Trago nas mãos as mãos da Primavera...
E é para mim que em noites de desgraça

Toca o vento Mozart, triste e solene,
E à minha alma vibrante, posta a nu,
Diz a chuva sonetos de Verlaine..."

E, ao ver-me triste, a tília murmurou:
"Já fui um dia poeta como tu...
Ainda há de ser tília como eu sou..."

O MEU SONETO

Em atitudes e em ritmos fleumáticos,
Erguendo as mãos em gestos recolhidos,
Todos os brocados fúlgidos, hieráticos,
Em ti andam bailando os meus sentidos...

E os meus olhos serenos, enigmáticos,
Meninos que na estrada andam perdidos,
Dolorosos, tristíssimos, extáticos,
São letras de poemas nunca lidos...

As magnólias abertas dos meus dedos
São mistérios, são filtros, são enredos
Que pecados d'amor trazem de rastros...

E a minha boca, a rútila manhã,
Na Via Láctea, lírica, pagã,
A rir desfolha as pétalas dos astros!...

PARA QUÊ?

Ao velho amigo João

Para que ser o musgo do rochedo
Ou urze atormentada da montanha?
Se a arranca a ansiedade e o medo

E este enleio e esta angústia estranha

E todo este feitiço e este enredo
Do nosso próprio peito? E é tamanha
E tão profunda a gente que o segredo
Da vida como um grande mar nos banha?

Pra que ser asa quando a gente voa
De que serve ser cântico se entoa
Toda a canção de amor do Universo?

Para que ser altura e ansiedade,
Se se pode gritar uma Verdade
Ao mundo vão nas sílabas dum verso?

ESCRAVA

Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor,
Eu te saúdo, olhar do meu olhar,
Fala da minha boca a palpitar,
Gesto das minhas mãos tontas de amor!

Que te seja propício o astro e a flor,
Que a teus pés se incline a terra e o mar,
P'los séculos dos séculos sem par,
Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor!

Eu, doce e humilde escrava, te saúdo,
E, de mãos postas, em sentida prece,
Canto teus olhos de oiro e de veludo.

Ah, esse verso imenso de ansiedade,
Esse verso de amor que te fizesse
Ser eterno por toda a Eternidade!...

OS MEUS VERSOS

Rasga esses versos que eu te fiz, Amor!
Deita-os ao nada, ao pó ao esquecimento,
Que a cinza os cubra, que os arraste o vento,
Que a tempestade os leve aonde for!

Rasga-os na mente, se os souberes de cor,
Que volte ao nada o nada dum momento.
Julguei-me grande pelo sentimento,
E pelo orgulho ainda sou maior!...

Tanto verso já disse o que eu sonhei!
Tantos penaram já o que eu penei!

Asas que passam, todo o mundo as sente...

Rasga os meus versos... Pobre endoidecida!
 Como se um grande amor cá nesta vida
 Não fosse o mesmo amor de toda a gente!...

OS MEUS VERSOS (2)

Leste os meus versos? Leste? E adivinhaste
 O encanto supremo que os ditou?
 Acaso, quando os leste, imaginaste
 Que era o teu esse olhar que os inspirou?

Adivinhaste? Eu não posso acreditar
 Que adivinhasses, vês? E até, sorrindo.
 Tu disseste para ti: "Por um olhar
 Somente, embora fosse assim tão lindo,

Ficar amando um homem!... Que loucura!"
 - Pois foi o teu olhar; a noite escura,
 - (Eu só a ti digo, e muito a medo...)

Que inspirou esses versos! Teu olhar
 Que eu trago dentro d'alma a soluçar!

 Aí não descubras nunca o meu segredo!

DOCE CERTEZA

Por essa vida fora hás de adorar
 Lindas mulheres, talvez; em ânsia louca,
 Em infinito anseio hás de beijar
 Estrelas d'ouro fulgindo em muita boca!

Hás de guardar em cofre perfumado
 Cabelos d'ouro e risos de mulher,
 Muito beijo d'amor apaixonado;
 E não te lembrarás de mim sequer!..

Hás de tecer uns sonhos delicados...
 Hão de por muitos olhos magoados,
 Os teus olhos de luz andar imersos !

Mas nunca encontrarás p' la vida fora,
 Amor assim como este amor que chora
 Neste beijo d'amor que são meus versos!

VERSOS

Versos! Versos! Sei lá o que são versos...
Pedacos de sorriso, branca espuma,
Gargalhadas de luz. Cantos dispersos,
Ou pétalas que caem uma a uma.

Versos!... Sei lá! Um verso é teu olhar,
Um verso é teu sorriso e os de Dante
Eram o seu amor a soluçar
Aos pés da sua estremecida amante!

Meus versos!... Sei eu lá também que são...
Sei lá! Sei lá!... Meu pobre coração
Partido em mil pedacos são talvez...

Versos! Versos! Sei lá o que são versos..
Meus soluços de dor que andam dispersos
Por este grande amor em que não crês!...

AGRADECIMENTOS

- Primeiramente, acima de tudo e de todos, a Deus por ser o meu guia, meu alicerce e meu porto seguro. Por tornar os meus sonhos momentos especiais e verdadeiros. Por ser o meu sentido de viver.
- À universidade, seu corpo docente e às oportunidades oferecidas.
- Aos professores e educadores (a todos) que fizeram parte do meu processo de constituição de ser social. Em especial, a Anacã Rupert (orientador), que aceitou o desafio, abraçando a causa, mesmo com pouco espaço de tempo e outras obrigações.
- À minha mãe, Maria do Amparo, por ter, em todos os sentidos, pego na minha mão e me mostrado que é a melhor mãe do mundo, sem nunca exigir reconhecimento tal, mas com os esforços possíveis para se manter forte e perseverante em todos os momentos e por ter se dedicado tanto a mim sem nunca pedir muito em troca. Agradeço por ser a minha melhor amiga, minha cúmplice, uma “mãe de verdade”.
- Aos meus demais familiares por todo suporte sentimental e psicológico oferecido: Sarah Lima, Daniel Henrique, Henrique Rodrigues, Naterenildo Ferreira, e Maria Rafaela. Assim como também a tenho pelas poucas, mas queridíssimas, amizades que a vida me deu: Rayanne Emmanoella, Lucas Alexandre, entre outros.
- Registro o meu muito obrigada aos mencionados, por me ajudarem a compreender que, apesar dos espinhos, as rosas ainda são lindas. E que a Vida nos dá os ombros que precisamos para nos acalantar, as mãos que são suficientes para nos levantar, os sorrisos e tempo necessários para sarar e sermos felizes ao lado de quem amamos. Assim como nos coloca na vida de outras pessoas para sermos especiais, ou não.